

# CONSIDERAÇÕES SOBRE FOUCAULT E A PSICANÁLISE

LAÉRIA BESERRA FONTENELE \*

## RESUMO

Trata de analisar e de enumerar as principais referências à psicanálise feitas por Michel Foucault no decorrer de sua produção teórica, levando em consideração apenas as obras onde essas referências apresentam-se de modo bem explícito. Estabelece, entre elas, uma comparação, considerando suas especificidades e divergências. Aponta uma possível ambigüidade de Michel Foucault em relação à psicanálise. É, ainda, um trabalho de reflexões preliminares; faz parte de um projeto mais amplo, em que a autora pretende dar conta, de forma mais objetiva, sistemática e exaustiva, das relações de Michel Foucault com a psicanálise.

## ABSTRACT

This paper presents and analyses the main references made by Michel Foucault, along his theoretical production, to psychoanalysis, considering only those works where these references are clearly showed. It establishes a comparison among them, considering their specificities and divergences. It points towards a Michel Foucault's possible ambiguity in what psychoanalysis is concerned. The paper is also a work of preliminary reflexions, which is part of a wider project, in which the author intends to develop, in a more objective, systematic and exhausted way Michel Foucault's relations to psychoanalysis.

## 1. INTRODUÇÃO

As referências de Michel Foucault à psicanálise permeiam, praticamente, toda a sua obra. No entanto, existem três momentos em que essas referências são mais acentuadas: em *Nietzsche, Freud e Marx* (análise da descoberta freudiana, juntamente com a contribuição de Marx e Nietzsche, considerando-as como hermenêuticas); em *As Palavras e as Coisas* (visão da psicanálise como contra-ciência, atribuindo-lhe um valor subversivo do ponto de vista das ciências do homem); e, finalmente, em *A História da Sexualidade I – A vontade de saber*

\* Psicóloga. Prof.<sup>a</sup> substituta no dep. de psicologia da UFC. Mestrada em Sociologia na UFC.

(A psicanálise como possibilidade pelo dispositivo da sexualidade, atribuindo-lhe críticas severas que vão desembocar, especificamente, em sua praxis).

Entre o primeiro e o segundo momentos, nada de surpreendente, pois tanto a função hermenêutica quanto a de contra-ciência vão lhe conferir uma função crítica em relação aos saberes que se constituem na modernidade. Mas o terceiro momento traz uma divergência, à primeira vista radical, em relação a essa função crítica, uma vez que a prática da psicanálise surge como incitadora de discursos sobre a opressão dos corpos e da sexualidade, ocupando aí uma função de controle pautada na positividade do poder.

Nosso problema surge a partir daí. Como a mesma disciplina, que surge como uma espécie de ferramenta contra-ideológica para as Ciências Humanas, pode, ao mesmo tempo, propiciar um movimento que a leva em direção ao controle pela ilusão de liberdade?

Numa visão objetiva dessa problemática, partiremos para uma análise dos elementos fundamentais presentes nas argumentações de cada um dos momentos citados.

## 2. A PSICANÁLISE COMO CONTRA-CIÊNCIA

Dizer que, antes da época moderna, não havia um saber sobre o homem soa como uma bomba; porém, Michel Foucault, em toda sua trajetória, não deixa de lançá-las em direção a tudo o que possa parecer um saber inviolável e inflexível.

Em *As Palavras e as Coisas*, ele realiza uma análise arqueológica das ciências humanas. Para isso, define um espaço epistemológico: o triedro dos saberes (1). Em relação a esse espaço, Michel Foucault situa as Ciências do Homem; chegando à conclusão de que elas não podem estar situadas em nenhum eixo do triedro. Reconhece, assim, que essas ciências vivem em pleno sono dogmático, sono antropológico, pois não reconhecem o homem como uma invenção da Idade Moderna e da ciência que surge nesse período. Uma invenção e um nome que fariam parte do próprio dispositivo da *episteme* moderna. Nesse contexto, surge uma surpreendente análise da psicanálise e da etnologia, situadas como disciplinas *sui generis* em relação ao corpo das ciências do homem.

Segundo Foucault, a psicanálise e a etnologia ocupam um lugar privilegiado no saber ocidental, inclusive no que diz respeito à questão da positividade. Essas disciplinas nos forneceria um rico quadro de experiências e de conceitos bem delimitados em relação ao objeto de estudo a elas inerente; ao mesmo tempo que surgem como um "perpétuo princípio de inquietude, de questionamento, de crítica e de constatação daquilo que, por outro lado, pode parecer adquirido". (Foucault, 1981: 390). Michel Foucault situa a psicanálise e a etnologia nesse lugar privilegiado, em primeiro lugar devido a seu objeto de estudo, em segundo lugar pelo espaço que ocupam na *episteme*. A psicanálise avançaria em direção a região fundamental, onde estabelecer-se-iam as relações entre a representação e a finitude, devido a sua tarefa de desnudar, através da consciência o discursivo

so inconsciente; o que possibilitaria a psicanálise estar próxima de uma função crítica. Enquanto que as ciências humanas se distanciariam dessa função, no sentido de que elas se dirigem para o inconsciente, mas é a ele dando as costas que se realiza esse movimento; ou seja: "... esperando que ele se desvele à medida em que se aponta diretamente para ele, de propósito deliberado — não em direção ao que deve explicitar-se pouco a pouco na iluminação progressiva do implícito mas em direção ao que aí se furta, que existe com a solidez muda de uma coisa, de um texto fechado sobre si mesmo, ou de uma lacuna branca num texto visível e que assim se defende." (Foucault, 1981: 391).

Assim, para Michel Foucault, a psicanálise se encaminharia para a finitude do homem; e não, para uma interpretação do sentido, característica do empenho das ciências do homem — o que significa dizer que enquanto a psicanálise transcende ao espaço da representação, as ciências humanas se alojam no que é puramente representável. E, é desse lugar do representável que surge, segundo Michel Foucault, as interpretações de psicólogos e de filósofos da psicanálise como pura mitologia; essa interpretação só surge de um olhar míope, que se nega a ver que "É bem verdade que nem esta Morte, nem este Desejo, nem esta Lei podem jamais encontrar-se no interior do saber que percorre em sua positividade o domínio empírico do homem; mas a razão disto é que designam as condições de possibilidade de todo o saber sobre o homem". (Foucault, 1981: 392). Esta Morte, este Desejo e esta Lei, apontados pela psicanálise, seriam no espaço epistemológico da psicanálise, as próprias formas de finitude. Desse modo, a psicanálise denunciaria que o objeto do nosso saber é, sobretudo, fortuito. Além disso, Michel Foucault nos aponta para uma outra consequência da direção do empenho freudiano — a de que não existe no interior da disciplina e da prática psicanalítica uma teoria geral do homem. Isto Lacan deixa bem claro quando diz que o objeto da psicanálise não é o homem, mas o que falta ao homem. Dessa forma, tanto a psicanálise como a etnologia — esta por razões que não nos cabe aqui enfocar — dispensam o conceito de homem, pois se dirigem sempre para seus limites exteriores; ambas "dissolvem o homem. Não que se trate de reencontrá-lo melhor, mais puro e como que libertado; mas sim, porque elas retomam em direção ao que fomenta sua positividade." (Foucault, 1981: 396). É nesse sentido que Michel Foucault conclui que tanto a psicanálise como a etnologia ocupam o lugar de contra-ciência, posto que elas desfazem, a todo momento, o homem que as ciências humanas teimam por fazer e refazer.

## 3. A PSICANÁLISE COMO HERMENÊUTICA

Em *Nietzsche, Freud e Marx*, Michel Foucault discute as técnicas de interpretação por eles utilizadas, avaliando-as em relação aos modelos de interpretação existentes no século XVI. Essa retrospectiva histórica serve, metodologicamente, para que ele avalie a diferença que vai se instalar, em termos dessas técnicas, a partir do século XIX.

No século XVI, segundo Michel Foucault, o que dava lugar a interpretação era a semelhança, desta forma também os símbolos se encontravam expostos de maneira homogênea, situados, além disso, num espaço homogêneo: "Os símbolos da Terra refletiam o Céu, mas também projetavam o mundo subterrâneo, remetiam o homem ao animal, do animal a planta, e reciprocamente." (Foucault, 1987: 18).

Três filhos naturais, no dizer de Althusser, Apud Foucault, (1987) viriam, no século XIX, romper com este falso deslizar das semelhanças desnudando-lhes a localização num espaço diferenciado. Michel Foucault faz, não sem júbilo, essa constatação; apontando, não para uma simples multiplicação de símbolos, mas para uma modificação radical em sua "natureza", que passa a ser desatada da idéia de finitude, presente na semelhança, para alcançar a amplitude. Esta transformação é radical, uma vez que se estabelece, a partir disso, não só a negação de finitude, mas inclusive a de começo; estabelecendo-se uma amplitude irreduzível. Assim, a interpretação passa a ser uma tarefa infinita.

Neste contexto, Michel Foucault reconhece Freud e sua criação, quando mostra que em Freud se encontra definitivamente demarcada a descoberta "de caráter estruturalmente aberto e descoberto da interpretação." (Foucault, 1987: 21). O conceito de transferência em Freud é apontado como índice da abertura que se daria, inclusive, no interior da análise, sob a forma de um "espaço em que não deixa de deslocar-se sem chegar a acabar nunca." (Foucault, 1987: 21). Freud é apresentado como um ator que faz ato ao perfilar, em sua obra, esta experiência importante para a hermenêutica moderna. Uma vez que "Freud não interpreta símbolo, mas interpretações. Com efeito, por que sob sintomas, que é que descobre Freud? Não descobre, como é vulgar dizer-se, "traumatismos", antes rouba, à luz do dia, fantasmas, com sua carga de angústia, ou seja, num emaranhado cujo ser próprio é fundamentalmente uma interpretação." (Foucault, 1987: 23).

Essa constatação leva, diretamente, ao postulado básico da hermenêutica moderna, a saber que a matéria-prima da interpretação nunca é primária. Como também revela o movimento da interpretação em termos de atividade e não só de passividade.

Concluimos, assim, que Michel Foucault viu em Freud um dos responsáveis pela vida da interpretação, posto que para ele (Freud) a crença na finitude do símbolo é a própria marca da morte da interpretação.

#### 4. A PSICANÁLISE COMO "MURMÚRIO LUCRATIVO"

Em *A História da Sexualidade I*, surge uma posição surpreendente de Michel Foucault em relação à psicanálise. Ele constata o surgimento, no século XIX, de uma "vontade de saber" sobre o sexo, que se materializa numa imensa explosão discursiva; o que não se daria sem propósitos e estaria como que regulada pelo dispositivo da sexualidade (2), do qual a psicanálise não escaparia; antes, contribuiria para fixá-lo.

Em termos gerais, a tese central de Michel Foucault é a de que a hipótese repressiva — segundo a qual o sexo viria a ser submetido a um controle e a uma repressão radical como o advento do capitalismo — é negada. O fundamento que estabelece para essa negação se dirige aos limites da concepção de poder ali presente, uma vez que este poder é visto "como um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos a um estado determinado..." (Foucault, 1986: 88). Esta concepção de poder só autorizaria se ler o sexo em termos de seu aprisionamento, não dando conta, e mesmo não explicitando, das razões pelas quais os sujeitos falam do sexo; pois para Michel Foucault não se trata de saber por que somos reprimidos, mas "por que dizemos com tanta paixão, tanto rancor contra o nosso passado mais próximo, contra o nosso presente e contra nós mesmos, que somos reprimidos?" (Foucault, 1986: 14). A não colocação deste problema levaria, simplesmente, a colocação do sexo em oposição à lei, à interdição e à repressão.

Neste contexto, a psicanálise aparece como um dos muitos elementos da rede do dispositivo da sexualidade que, apesar de recusar a oposição mecânica "sexo & repressão" — uma vez que para os psicanalistas "não se trata de imaginar que o desejo é reprimido, pela boa razão de que é a lei que é constitutiva do desejo e da falha que o instaura. A correlação de poder já estaria lá onde está o desejo? ilusão, portanto, denunciá-lo numa repressão exercida a posteriori; vão, também, partir a cota de um desejo exterior ao poder." (Foucault, 1986: 80) — acabaria, no entanto, contribuindo para que se continuasse a ler a história da sexualidade "como a crônica de uma crescente repressão" (Foucault 1986: 11).

A psicanálise, aí, propicia uma situação que estaria diretamente ligada com a premissa de que "já que é preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutro lugar; que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro." (Foucault, 1986: 10). Assim, a psicanálise não teria saído, a nível de sua praxis, da discrição desses lugares que dão lugar à expressão da sexualidade sem o risco de transbordamento — "no mais seguro e discreto espaço entre o divã e discurso: ainda um murmúrio lucrativo em cima de um leito" (Foucault, 1986: 11).

Michel Foucault nos levaria, então, a duas direções: a primeira é a de que a psicanálise não teria se desligado das práticas confessionais sobre o sexo, onde o sujeito coloca-se incitado a saber a "quantas anda seu sexo", em termos da busca de uma verdade que o libertaria, embora não haja, a nível — teórico-prático, uma continuidade em termos de uma explicação e punição cristã; a segunda, a de que mesmo considerando a complexidade da relação da lei com o desejo, o sujeito não escaparia de ser teorizado como dominado pelo poder.

#### 5. CONCLUSÃO

Deparamo-nos com três posições e um problema. Se, no primeiro momento, a psicanálise aparece como proporcionando uma transformação radical em termos de hermenêutica, abrindo um espaço infinito para a ciência moderna; no

segundo, como uma disciplina que questionaria o conceito de "homem" das ciências humanas; e, por último, como ainda presa ao modelo das técnicas de confissão; haveria, assim, uma contradição por parte de Michel Foucault?

Observemos o que está em questão em cada uma dessas posições

Em *Nietzsche, Freud e Marx*, do que se trata? Qual o solo tocado por Foucault? A análise de uma transformação nas técnicas de interpretação e do símbolo dá-se em direção à constituição da ciência moderna; onde vale recordar a máxima de Marx: tudo que é sólido se desmancha no ar.

Em *As Palavras e as Coisas*, o solo epistemológico é a própria constituição de um saber sistemático sobre o homem, avaliada em termos conceituais.

Em *História da Sexualidade I*, trata das práticas sociais enquanto engendradas pelo poder: é o nascedouro da "genealogia do poder".

Parece-nos que nesses três momentos, Michel Foucault não apresenta contradição; sim, percursos diferentes. Ou seja: um golpe no monismo do pensamento ocidental.

Se considerarmos a trajetória arqueológica de Michel Foucault, conforme a visão de Roberto Machado, (1982) também não nos deparamos com uma contradição, pois para ele o que define a arqueologia "é justamente a multiplicidade de suas definições; é a mobilidade de uma pesquisa que, não aceitando se fixar em cânones rígidos, é sempre instruída pelos documentos pesquisados. Os sucessivos deslocamentos da arqueologia não atestam, portanto, uma insuficiência, nem uma falta de rigor: assinalam uma provisoriedade assumida e refletida pela análise. Com Michel Foucault é a própria idéia de um método histórico imutável, sistemático e universalmente aplicável que é desprestigiada." (Machado, 1982: 14).

Portanto, a crítica presente em *A História da Sexualidade* não anula as análises anteriormente feitas por Michel Foucault, pois nesta obra ele mostra os avanços da psicanálise em termos da sua explicação da hipótese repressiva. É a concepção de poder implícita no conceito de perversão, além das amarras sociais da prática psicanalítica, que é questionada.

Concluindo, gostaríamos de que estas constatações fossem lidas sob a forma de interrogações, de hipóteses, deixadas em aberto para um futuro trabalho.

#### NOTAS

1. Sobre o triado dos saberes, ver Foucault, 1981: 361
2. Sobre o Dispositivo da Sexualidade, ver Foucault, 1986: 74 - 87

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas — Uma Arqueologia das Ciências Humanas*, 2.<sup>a</sup> edição, São Paulo, Martins Fontes, 1981
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I — A vontade de saber*, 6.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro, Graal, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche, Freud & Marx — Theatrum Philosophicum* 4.<sup>a</sup> edição, São Paulo, Editora Princípio, 1985.
- MACHADO, Roberto. *Ciência e Saber, A Trajetória da Arqueologia de Foucault*, 1.<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro, Graal, 1982

#### RESUMO

A trajetória da psicologia organizacional pode ser tratada a partir de própria evolução da psicologia como ciência e profissão no Brasil.

Neste trabalho são feitos por objetivo compreender a situação desta área da psicologia no âmbito das universidades e do mercado de trabalho, caracterizando e analisando as mudanças de formação e de atuação do psicólogo organizacional no Brasil, segundo parâmetros possíveis de sair de um horizonte ideológico que aponta a formação e a atuação de um profissional.

Para a efetivação deste projeto, consideramos, além da nossa experiência como professores e pesquisadores em nossa área do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, as ideias que tivemos durante que formaram a base publicada pelo Conselho Federal de Psicologia em 1985, que, de acordo com seu estatuto, pode ser considerado "um marco na história da psicologia brasileira".

A partir da descrição de e caracterização do papel da psicologia brasileira em diferentes fases, avaliamos esta prática no curso de psicologia da UFC, e as práticas novas perspectivas de ação, que são a efetivação do profissional.

#### ABSTRACT

The history and present situation of organizational psychology in Brazil can be understood from the point of view of the development of psychology as science and profession.

The purpose of this article is to describe the situation of this specific field of psychology in the University and job market, showing and analyzing its academic patterns and application.

The criteria about possible alternatives to the ideological problems of this academic formation and application is also part of this article.

Two main sources were considered for the realization of this project: our own experience with this branch of knowledge as professors at Federal University of Ceará and the ideas of the book published by the Brazilian Psychologists' Council in the year 1985. We recognize as a fact the opinion of its publishers, who considered it a milestone in the history of psychology in Brazil.

The academic psychological formation at the Federal University of Ceará is described based upon the division of different developmental

(\*) Professor Assistente do Departamento de Psicologia da UFC

(\*\*) Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o Psicólogo Brasileiro?*. Editora, São Paulo, 1985.

(\*\*\*) Universidade Federal do Ceará